

TRAIDORES NO QUADRO, VERDADES NA SALA: CRÔNICA DE UMA CONSCIÊNCIA EM FORMAÇÃO¹

Allan Soares Nascimento²

O professor, confortável, sentado na cadeira da sala, com sua blusa despojada e um ar de jovialidade, escrevia em letras garrafais no quadro imaculado: TRAIADORES! Estávamos todos atônitos, impassíveis e ultrajados. Aprendi, porém, que tudo não passava de um ato cênico. Ele, como sempre – ou quase sempre –, queria trazer para a sala um tópico que, para ele, era essencial.

O que pode fazer o jovem acadêmico de Direito diante da autonomia universitária e da liberdade acadêmica? Sabíamos que muito pouco – ou quase nada. Mas, queimados de inquietação, compreendemos o porquê: só Deus sabe como aquilo ainda fazia sentido em nossa percepção de estranhamento. Estávamos no primeiro período, atordoados com tudo o que vinha acontecendo no campus, na cidade, no país e no mundo.

Parecia que a música de Caetano Veloso fornecia, em desordem, a trilha do nosso rumo, uma espécie de espelho a nos revelar: “Alguma coisa // Está fora da ordem // Fora da nova ordem // Mundial.”

Ele até poderia ser apenas cênico – e, para alguns, isso seria um defeito. Mas, mesmo com sua relativa passividade, conseguia colocar os pontos necessários para transformar e formar a consciência crítica do estudante universitário. O espaço acadêmico seria, assim, um lugar de múltiplos conflitos éticos, jurídicos e administrativos – em suma, de experiências de vida. Era quase conturbado, mas passávamos a entender a necessidade do conflito dialógico: não proibitivo, não odioso, mas construtivo, essencial ao processo formativo. Não seria fácil. Certamente, estar naquele espaço exigia atenção e capacidade de diálogo; havia sempre quem não entendesse a relevância da discussão e subestimasse a força de uma educação pública, gratuita e democrática. Estávamos ali, cada um com seu tempo, mas todos em formação.

Ele tinha algo de delicado e inquietante, desafiando a alquimia do Direito e da vida – fazendo referência, inclusive, ao livro de Albie Sachs. Alertava-nos sobre os perigos vindouros e sobre como o mundo poderia ser cruel, quase exato em suas ameaças, e como a ciência jurídica poderia servir como luz para lidar com tudo isso. Mas, ainda assim, muito escapava ao controle: a vida acontecia enquanto aprendíamos.

Ele queria um espaço para aprender e lecionar aquilo que conhecia, respeitando a ciência

1 Justificativa: A crônica apresentada articula elementos subjetivos e objetivos para refletir sobre a experiência acadêmica no curso de Direito, especialmente no contexto da autonomia universitária, da liberdade acadêmica e da qualidade da educação superior. A partir de uma narrativa sensível e vivencial, o texto descreve uma cena marcante em sala de aula que, embora construída de forma literária, revela tensões reais presentes no ambiente jurídico-acadêmico: conflitos éticos, disputas interpretativas, desafios institucionais e o papel transformador da formação crítica. O caráter subjetivo manifesta-se na percepção dos estudantes, na inquietação diante da desordem social e na influência simbólica do professor. Já os elementos objetivos emergem das referências ao Direito, às instituições públicas, às exigências democráticas e à importância da educação como fundamento constitucional. Essa crônica integra meu percurso formativo e dialoga diretamente com minha participação em projetos de pesquisa orientados pela Prof.^a Alessandra Correia Lima Macedo França. Primeiramente, relaciona-se ao projeto “Direito Internacional da Ciência, Educação e Cultura – Percursos e Intersecções Multiníveis”, especificamente ao plano de trabalho “Autonomia Universitária – Marcos Princípios do Direito Internacional e Impactos Nacionais e Locais (2024–2025)”, no qual compreendi a universidade como espaço democrático e tensionado. Atualmente, encontra correspondência com o plano de trabalho (2025–2026) “Direito Internacional e Qualidade no Ensino Superior”, executado no CCJ/Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Assim, a crônica representa um exercício reflexivo-literário que traduz vivências acadêmicas em linguagem crítica, fortalecendo a integração entre arte, Direito e pesquisa.

2 Graduando em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), estagiário no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJ-PB), extensionista no projeto de extensão Podcast em Pauta: Um Diálogo da Universidade com a Sociedade. Aluno M citar monitoria Aluno no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) no projeto Direito Internacional da Ciência e a Educação - Percursos e Intersecções Multiníveis. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8003239357204042>. E-mail: allan.soares@academico.ufpb.br.



jurídica e o rigor do estudo.

Ele queria uma educação de qualidade, voltada para a prática e para os atos.

Ele queria instituições fortes.

Ele queria formar profissionais conscientes, críticos e comprometidos. Já sabíamos disso.

Talvez o que ele soube transmitir fosse que a nossa juventude tinha uma certa paixão, e estávamos quase encantados diante do desafio de sair do comodismo e aprender, de fato, sobre a realidade. Nada era fácil, nada era superficial: era preciso esforço, disciplina e atenção ao mundo ao nosso redor — uma sociedade desigual, violenta, mercantilizada e marcada por hierarquias, mas que ainda exigia compromisso democrático e jurídico.

Talvez — e só talvez — a maior força dele estivesse justamente em nos ensinar a pensar e aprender com sua presença intuitiva e funcional, guiando-nos a compreender que, no Brasil, tudo parece complicado porque o país está em desordem. E urgente é a necessidade de organização, de paz e de uma educação de qualidade, com instituições eficazes e fortes.